

HEGEL COMO PRISMA DE UM DIAGNÓSTICO ZIZEKIANO ACERCA DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Rodrigo Braz Carlan*
Diego Carlos Zanella**

Resumo: O objetivo deste trabalho é compreender, por meio de uma revisão bibliográfica, a dimensão hegeliana acerca da teoria do *hábito* presente na obra de Slavoj Žižek, bem como, as interferências do pensamento do filósofo alemão na construção do diagnóstico zizekiano da sociedade capitalista. Assim, é necessário identificar as inserções do processo capitalista na vida humana, bem como, o papel político deste processo na singularidade subjetiva do sujeito, da mesma maneira que, sua internalização tem como resultante um paradoxo discursivo nas relações sociais do indivíduo. Este trabalho torna-se relevante, tendo em vista que, o processo sócio histórico capitalista transmuta enredos, da mesma maneira que, promove uma naturalização de uma época bordeada por aspectos político-econômicos, desumanizando, assim, o indivíduo, de modo que, sua resultante ocorre nos reflexos das relações sociais do sujeito.

Palavras-chave: Capitalismo. Desumanização. Hábito.

Hegel as a Perspective of a Zizekian Diagnosis Concerning The Capitalistic Society

Abstract: The purpose of this paper is to comprehend, through a bibliographic review, the Hegelian dimension concerning the theory of habit present in Slavoj Žižek's work, as well as the interferences of thoughts of the German philosopher on the construction of Žižek's diagnosis of the capitalistic society. Therefore, it is necessary to identify the insertions of the capitalistic process in the human life, as well as the political role of this process in the individual's subjective singularity, the same way as its internalization has as result a discursive paradox regarding the individual's social relations. This paper becomes relevant due to the fact that, the capitalistic sociohistorical process transmutes plots and promotes the naturalization of an era bordered by political economic aspects, thus, dehumanizing the individual, in a way that its resultant occurs in the reflections of the individual's social relations.

Keywords: Capitalism. Dehumanization. Habit.

* Graduado em Psicologia. Aluno do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens, no Centro Universitário Franciscano. E-mail: rodrigocarlan@hotmail.com

** Doutor em Filosofia. Professor do Curso de Filosofia e do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens, no Centro Universitário Franciscano. E-mail: diego.zanella@gmail.com

Introdução

No ano de 1936, o ator e cineasta Charlie Chaplin (1889-1977) teve a brilhante ideia de retratar o personagem “O vagabundo” (*The Tramp*) no filme “Tempos Mordernos” (*Modern Times*, 1936) da companhia de cinema *United Artists Pictures*. O referido filme é considerado atualmente pelos especialistas em cinema como uma crítica clássica ao sistema capitalista. Nesta obra cinematográfica, o personagem principal se localiza em meio ao complexo mundo moderno, no qual, consiste basicamente a sobreviver às intempéries promovidas pelos processos industriais, bem como, aos acontecimentos subjetivos provocados pelo processo sócio histórico vigente. Não obstante, na sociedade contemporânea atual, isso acontece muito, os problemas se estendem por toda dimensão planetária, do exponencial crescimento metamórfico das lutas de classes a constatare promoção de objetos desumanizadores do indivíduo.

Dessa maneira, inicialmente é necessário localizar as inserções do processo capitalista na vida humana, bem como, o papel político deste processo na singularidade subjetiva do sujeito, de modo que, sua internalização tem como resultante um paradoxo discursivo nas relações sociais do indivíduo. Assim, o filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žižek (1949-), promove uma discussão teórica acerca dessa temática, tendo em vista que, ao se localizar na esteira filosófica de Immanuel Kant (1724-1804) a Georg Hegel (1770-1831), sobreleva a importância do conceito hegeliano acerca do hábito, e assim, aponta um possível prisma para um diagnóstico da sociedade contemporânea.

Com base nisto, o objetivo desse artigo é o de compreender a importância da teoria hegeliana acerca do *hábito*, presente na obra de Žižek, bem como as interferências do pensamento do filósofo alemão na construção do diagnóstico zizekiano da sociedade capitalista. Por isso, a metodologia utilizada foi a de uma revisão bibliográfica. Dessa forma, a escolha do aporte teórico no presente artigo delimitou-se nas seguintes obras de Žižek: “Menos que nada” (2013); “O sujeito incômodo” (2016); “Primeiro como tragédia, depois como farsa” (2011) e “Problemas no paraíso” (2015).

A relevância e atualidade da temática presente na obra do filósofo e psicanalista esloveno está na análise de que o processo sócio histórico capitalista transmuta enredos, bem como promove uma naturalização de uma época bordeada por aspectos político-econômicos, desumanizando, assim, o indivíduo, de modo que, sua resultante ocorre nos reflexos das relações sociais do sujeito.

1 Diagnose

Dizem que, na China, a maldição que se lança contra alguém que realmente se detesta é: “Que você viva em tempos interessantes!”. Em nossa história, “tempos interessantes” são de fato os períodos de agitação, guerra e luta pelo poder, em que milhões de espectadores inocentes sofrem as consequências (ŽIŽEK, 2011, p. 7).

Em tempos de um processo capitalista, os problemas se estendem por toda dimensão do planeta. As ditas soluções elaboradas para sanar a sangria causada pela força motriz do capital só conseguem administrar ou manter o atual sistema sócio histórico em larga expansão, e (ou) desta forma, anulando toda e qualquer expressão da subjetividade humana.

Nessa perspectiva, em uma das inserções do capitalismo se encontra a política, no qual, após décadas de investidas na construção de um estado de bem-estar social, onde acarretou em cortes financeiros que se limitavam a curtos períodos e promoviam o pensamento de que após sua equação resultante, tudo voltaria ao normal, foi o aumento esmagador das divisões de classes. Um exemplo personificado desta divisão é o Brasil, mais precisamente a cidade de São Paulo, que conta com 250 heliportos. Isto é, enquanto o povo encara *Esparta* por vagas de estacionamento e os perigos no trânsito, burgueses assistem o drama da cidade pelos céus, evitando os riscos e perigos de se misturar com gente comum (ŽIŽEK, 2011, p.18).

Concomitantemente, pode-se citar que na China contemporânea, um grupo de burgueses, construiu uma cidade isolada com um modelo idealizado de uma cidade ocidental. Esta cidade conta com uma “rua principal, pubs, uma igreja anglicana, um supermercado Sainsbury etc.; a área toda é isolada por uma redoma invisível, mas nem por isso menos real” (ŽIŽEK, 2011, p. 18). Evidenciando que os moradores dessa cidade vivem em um universo paralelo, onde em seu imaginário ideológico, o mundo pobre e inferior que a bordeia não existe.

Dessa forma, fica claro que, o capitalismo mudou enredos e as paisagens do sujeito nas últimas décadas, tornando as paisagens em criações futurísticas e o surgimento de uma época da naturalização político-econômica, onde, em regra, as decisões políticas são tomadas como inquisições de pura necessidade econômica. Assim, pode-se considerar que o capitalismo, enuncia um reinado de possibilidades, no qual, os indivíduos, em tese, obtêm por

falsas promessas de realização todos os benefícios e riquezas promovidas pelo desenvolvimento da ideologia¹ do mercado de consumo.

Não obstante, ao internalizar a ideologia do mercado de consumo, amplamente operada pela lógica capitalista, o indivíduo supõe que apenas ao realizar seus desejos alcançará a satisfação plena (o gozo). No entanto, esta lógica imensurável de produção de não sentido, é responsável, não só por manipular a subjetividade humana, mas também, por forjar um ideal social, onde a mercantilização resulta em uma necessidade imanente.

Deste modo, ao desenvolver sobre a necessidade imanente do sujeito frente à busca constante de objetos no contexto da mercantilização, Žižek (2013, p. 19) aponta um vetor na direção da filosofia hegeliana, tendo em vista que, para o esloveno “[...] a verdadeira pergunta não é o que ele ainda pode nos dizer [...], mas o oposto, isto é, o que nós somos, o que nossa situação contemporânea pode ser para ele” (ŽIŽEK, 2011, p. 19). Sendo assim, ao apresentar a perspectiva hegeliana, o filósofo esloveno evidencia na filosofia de Hegel a temática acerca do hábito,² processo esse que tem como característica constituir o embotamento da vida e da liberdade. Esta colocação dicotômica, pela perspectiva de Hegel em Žižek, expõe que o indivíduo também se constitui como um ser de hábitos, visto que, tal prática é atualizada automaticamente em consequência da dessubjetivação do sujeito frente suas decisões irrefletidas.

Desta forma, Žižek (2011, p. 42) estrutura um paralelo entre a ideologia e o hábito, edificando que, o indivíduo capitalista é facilmente convencido e sem nenhuma vontade individual, promovendo uma internalização do contexto do mundo exterior sem promover qualquer ato de reflexão.

Um dos indicadores mais claros de nossa triste situação é a apropriação liberal de Martin Luther King, em si uma opção ideológica exemplar. [...] ‘Todos conhecem Martin Luther King e podem dizer que seu grande momento foi aquele discurso do ‘Eu tenho um sonho’. Ninguém consegue ir além dessa frase. Tudo que sabemos é que esse camarada teve um sonho. Não sabemos que sonho foi (ŽIŽEK, 2011, p. 42).

Portanto, uma interpretação de Karl Marx (1818-1883) em relação a Hegel se encaixa muito bem aqui. Em uma edição do jornal, *O 18 de Brumário* da década de 1960, Herbert Marcuse (1898-1979) ressaltou: “às vezes, a repetição disfarçada [...] pode ser mais

¹ Para Žižek (2011, p. 42), a ideologia é uma ação não elaborada subjetivamente, ou seja, uma repetição discursiva onde o indivíduo não discerne os mecanismos repetitivos presente em seu discurso.

² Para Žižek (2013, p. 52) a temática do hábito se aproxima do que Derrida chamou de “*pharmakon*”, um artefato que tem potencia de morte e de vida, visto que, o hábito também se constitui como um mecanismo capaz representar tanto a liberdade quanto à alienação.

aterrorizante do que a tragédia original” (Žižek, 2011, p. 18). Esta afirmação evidencia que, ao se tomar uma suposta crise do sistema capitalista como ponto de partida, o objetivo conclusivo será revelar suas condições e consequências, ou seja, a concepção e atuação que se tem deste complexo sistema.

2 Ainda é possível ser hegeliano?

Frente as múltiplas contextuais do sistema sócio histórico atual, Žižek (2013, p. 33) apresenta uma pertinente proposição, “Ainda é possível ser hegeliano?”, posto que não se pode desprezar a filosofia hegeliana na qual os mecanismos de sua dialética são amplamente abrangentes. Dessa forma, qual contribuição a teoria de Hegel põe acerca da história atual? Na medida em que, de acordo com Žižek (2013), frente as interferências teóricas do filósofo alemão, ressalta que Hegel, estava correto ao afirmar que no exercício da fala estamos sempre no universal, o que significa que, o sujeito ao entrar no campo da linguagem perde suas raízes no mundo.

Em termos mais patéticos, posso dizer que, no momento em que começo a falar, deixo de ser o eu sensualmente concreto, pois sou apanhado em um mecanismo impessoal que sempre me faz dizer algo diferente do que eu queria dizer – ou, como costumava dizer o primeiro Lacan, eu não estou falando, estou sendo falado pela linguagem (ŽIŽEK, 2013, p. 39).

Em vista disso, a máxima no contexto contemporâneo, é que a língua pronunciada, como a língua do capital, processa de certo modo o surgimento de um sujeito calado na universalidade das questões ideológicas. No entanto, frente a essa questão, se torna errôneo considerar Hegel como um filósofo da luta eterna, no qual, “a conhecida noção da dialética da vida como um eterno conflito entre reação e progresso, velho e novo [...] advoga nosso engajamento com o lado progressista, totalmente estranho a Hegel” (ŽIŽEK, 2013, p. 40).

No entanto, o sujeito que luta, necessita do oponente (inimigo) para suprir a ilusão de sua própria consistência, basicamente, sua identidade precisa da oposição ao outro, de modo que a vitória tem como resultado sua própria desintegração. Assim, a ideologia ocupa um papel fundamental na dialética (luta), ao tomarmos o sujeito ideológico como prisma central, notadamente evidencia-se que sua identidade depende do que este percebe como obstáculo perturbador (ŽIŽEK, 2013, p. 41).

Dessa forma, a disposição de Hegel a respeito da “luta” é, conseqüentemente, a de um observador dialético neutro, onde este percebe que um sujeito que se dedica a luta, é

derrotado, e essa derrota leva a sua verdade. O que o filósofo alemão propõe, em síntese, é que não devemos mudar a realidade, mas, o modo como percebemos e nos relacionamos com ela (ŽIŽEK, 2013, p. 40-51).

Em vista disso, quando defrontado com uma situação problema, como a crise econômica atual, o sujeito promove uma série de formulações acerca do local que reside à problemática, bem como, suas causas e consequências. Contudo, essas divergências formam uma dialética com as soluções propostas, já que, são formuladas a partir do ponto de vista de uma solução alegada (ŽIŽEK, 2011, p. 36-37). Assim, formando um ciclo onde “[...] se o sujeito tropeça, há uma crise, um desmoronar dos alicerces, o que, naturalmente, envolve efeitos de pânico” (ŽIŽEK, 2011, p. 35).

Dessa maneira, a facilidade nas demandas do poder político eclode, ou seja, fica fácil governar para os desesperados, legitimando que, as definições fidedignas dos movimentos produzidos pelo sistema capitalista o enquadram como uma ferramenta social neutra e basicamente de pura ideologia, ou como explica Žižek, o “capitalismo é a única ordem socioeconômica que desmoraliza o significado, enquadrando o Real no mecanismo global do mercado” (ŽIŽEK, 2011, p. 33). Porém, o paradoxo contemporâneo, é que, apesar do indivíduo manter um distanciamento imaginário do sistema capitalista, continua a praticá-lo.

3 Todos somos zumbis

De acordo com Žižek (2013, p. 121), Hegel fornece uma correção inerente à modernidade kantiana, a “*Filosofia do Espírito*” contextualiza uma transição da natureza para o espírito. Ou seja, no instante do rompimento entre a natureza e o conceito, manifesta-se a promoção de uma segunda natureza, denominada hábito.

Possivelmente, a compreensão acerca do hábito explica a figura do zumbi capitalista discutido por Žižek (2013). Um sujeito que se arrasta de maneira catatônica, na qual, persiste inexplicavelmente a manter-se nessa figura. Em vista disso, a figura do zumbi, para o referido autor, é a personificação do hábito em sua mais pura essência, um sujeito mecanizado, desprovido de humanidade.

Entretanto, nos filmes do cinema americano, o zumbi é sempre alguém que o indivíduo já conhecia quando ainda vivia normalmente, o choque para os personagens, ocorre quando se deparam com o suposto vizinho, antes simpático, mas agora na figura assustadora que o persegue freneticamente. Apontando que, dada a anterioridade da instituição da inteligência no ser humano (linguagem, pensamento e consciência) todos são essencialmente

zumbis, isto é, animais na sua expressão mais simples pela busca de satisfação (ŽIŽEK, 2013).

É importante destacar que, no instante que a temática acerca do hábito é construída por Hegel, o mesmo busca salientar que, por um lado, o homem é constituído essencialmente de hábitos, sendo esse um artefato universal em meio ao campo social. No entanto, por outro lado, o hábito, apresenta uma repetição discursiva, no qual, embora o homem pretenda ser livre concomitantemente, torna-se escravo (CAMPELLO, 2010, p. 227).

Segundo Žižek, não há liberdade sem hábito, ou melhor, o hábito fornece ferramentas que permitem ao indivíduo exercer o ato de liberdade.

Para que possamos exercitar a liberdade no uso da linguagem, precisamos nos acostumar totalmente com ela, habituarmos-nos a (com) ela, aprender a praticá-la, a usar suas regras “cegamente” mecanicamente, como um hábito: somente quando o sujeito exterioriza o que aprende nos hábitos mecânicos é que ele está aberto ‘a ulterior atividade e ocupação (ŽIŽEK, 2013, p. 189).

Os hábitos basicamente constituem o ser humano, tendo em vista que, a criança, ao nascer, é lembrada da importância de respirar pela clássica palmada, do contrário, se esquece da ação de respirar e entra em óbito. Em suma, para Žižek (2013, p. 197-198), a afirmação de Hegel a respeito do ser humano poder morrer de hábito é válida, posto que, se o indivíduo tornar-se totalmente embotado de vida (espiritualmente ou fisicamente) nada surge, não há sentido.

A negação de uma produção de sentido na sociedade contemporânea é um fato peculiar, podemos chamar inclusive de um ato característico da contemporaneidade. Em tal caso, Žižek (2013, p. 195) ressalta a existência de um “curto-circuito” paradoxal, onde o sentimento de Si transfigura-se em um sentimento universal e específico, na qual, não há possibilidades do sujeito situar-se dentro da própria realidade.

Dessa forma, ao propor uma correlação à filosofia de Kant, o filósofo esloveno aponta que a “apercepção transcendental”, também salienta uma problemática subtendida na sociedade atual, a da impossibilidade do sujeito objetivar-se, tendo em vista que, o indivíduo é singularizado no contexto universal. Contudo, a premissa do sujeito observar a realidade de um posicionamento externo fracassa no instante que o sujeito observa a realidade de uma localização onde ele mesmo faz parte, formando, assim, um “curto-circuito”, onde, a impossibilidade de retorno discursivo se esfacela impossibilitando uma visão “objetiva” da realidade com ele mesmo incluso, e assim, promovendo uma dimensão inacessível (ŽIŽEK, 2016, p. 111-120).

Então, por um lado, por meio de sentimentos e percepções, eu internalizo objetos que me afetam de fora: em um sentimento, eles estão presentes em mim, não em sua realidade crua, mas “idealmente” como parte da minha mente. Por outro lado, por meio de caretas etc., meu corpo imediatamente “dá corpo” à minha alma interior, que o impregna por completo. No entanto, se essa fosse toda a verdade, o homem seria apenas um “prisioneiro desse estado de natureza” movendo-se no circuito fechado da absoluta transparência produzido pelo mútuo espelhar-se de corpo e alma (ŽIŽEK, 2013, p. 198).

Todavia, a proposição zizekiana de retorno a Kant, tem como objetivo destacar, que os objetos discursivos também aprisionam o sujeito ao seu estado de natureza: uma língua (capital) que enuncia um sujeito. Desse modo, Žižek (2013, p. 195), salienta que para Kant, a promoção da consciência dos seus atos conscientes desconsidera os mecanismos inconscientes do sujeito. Assim, ao apontar que o hábito hegeliano fornece uma saída para essa problemática, posiciona uma verdade no campo da expressão irrefletida, ou seja, a verdade se encontra no que é dito, não no que o sujeito procura dizer. Dessa forma, o discurso efetivamente não-zumbificado é aquele onde ocorre um retorno discursivo na condição de sujeito, no qual, esse retorno aponta para desdobramentos na singularidade da subjetividade do sujeito.

Considerações finais

No sistema sócio histórico capitalista, a naturalização ideológica alcançou níveis inenarráveis, tendo em vista que poucos são aqueles sujeitos que ousam imaginar utopicamente outras possíveis alternativas. Assim, conseqüentemente os “sonhos” de um mundo alternativo ao capitalismo foram excluídos pela dinâmica do poder ao capital, mascarando um realismo pragmático.

Dessa forma, após denunciar e localizar um sujeito em meio a este complexo sistema, a filosofia moderna de Slavoj Žižek, busca situar na ontologia política aqueles indivíduos cerceados por mecanismos da natureza humana, bem como suas questões relacionais com a sociedade e a subjetividade do sujeito. No entanto, a importância da filosofia alemã hegeliana, para o referido autor, sobreleva, tendo em vista que, os múltiplos contextos promovidos pelo capitalismo sinalizam o uso da língua do capital como universal.

Contudo, ao localizar Hegel ao centro de uma possível discussão, o filósofo esloveno, retoma o conceito acerca da temática do hábito, uma vez que o indivíduo encontra-se cerceado por questões naturais e culturais, logo, o entrelaçamento entre esses pólos, ocorre,

sobretudo por proposições político-econômicas, nas quais, atravessam e refletem o sujeito nas suas relações sociais. Dessa forma, a singularidade discursiva do sujeito ocorre, na medida em que o indivíduo enuncia sua condição de sujeito atuante frente ao complexo sistema capitalista, promovendo, assim, desdobramentos na subjetividade humana.

Referências

CAMPELLO, F. A ambivalência do desejo: nexos interpretativos entre a primeira e a segunda natureza em Hegel. In: UTZ, K.; SOARES, M. C. (Orgs.). **A noiva do espírito: natureza em Hegel**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 226-230. p. 212-231.

ŽIŽEK, S. **Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético**. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.

ŽIŽEK, S. **Problema no paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ŽIŽEK, S. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

ŽIŽEK, S. **O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política**. Tradução de Luigi Barrichelo. São Paulo: Boitempo, 2016.